

W. E. B. Du Bois no centro: da ciência, do movimento dos direitos civis, ao movimento *Black Lives Matter*⁷⁵

W. E. B. Du Bois at the center: from science, civil rights movement, to black lives matter

Aldon Morris⁷⁶

Tradução: Annahid Burnett⁷⁷

Resumo

É uma honra apresentar a palestra anual na Escola de Economia de Londres ao *Jornal Britânico de Sociologia* em 2016. Minha palestra é baseada nas ideias derivadas do meu novo livro *The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Neste ensaio eu faço três argumentações. Primeiro, W.E.B. Du Bois e sua Escola de Sociologia em Atlanta foram os primeiros da sociologia científica nos Estados Unidos. Segundo, Du Bois foi o pioneiro de uma sociologia pública que combinou criativamente sociologia e ativismo. E, finalmente, Du Bois foi o pioneiro de uma ciência social engajada relevante às lutas políticas contemporâneas incluindo o movimento contemporâneo *Black Lives Matter*.

Palavras-chave: W.E.B. Du Bois; Escola de Atlanta. sociologia científica. teoria sociológica. discriminação e marginalização sociológica.

Abstract

I am honoured to present the 2016 British Journal of Sociology Annual Lecture at the London School of Economics. My lecture is based on ideas derived from my new book, *The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. In this essay I make three arguments. First, W.E.B. Du Bois and his Atlanta School of Sociology pioneered scientific sociology in the United States. Second, Du Bois pioneered a public sociology that creatively combined sociology and activism. Finally, Du Bois pioneered a politically engaged social science relevant for

⁷⁵ Este artigo foi publicado originalmente no *BJS The British Journal of Sociology 2017 Volume 68 Issue 1* com o título *W.E.B. Du Bois at the center: from Science, civil rights movement, to Black Lives Matter*.

⁷⁶ Professor de Sociologia e Estudos Afro-Americanos no Departamento de Sociologia na Northwestern University (EUA).

⁷⁷ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (Professora-Pesquisadora PNPD). ORCID: orcid.org/0000-0001-9140-6919. Email: aburnett8@gmail.com.

contemporary political struggles including the contemporary Black Lives Matter movement.

Keywords: Atlanta School; W. E. B. Du Bois. scientific sociology. sociological discrimination and marginalization. sociological theory.

Ciência inovadora da sociedade

Há um segredo intrigante e bem escondido em relação à fundação da sociologia científica na América. A primeira escola da sociologia científica americana foi fundada por um professor negro, localizada numa universidade para negros, pequena, economicamente pobre e segregada por raça. No lumiar do século vinte – de 1898 a 1910 – o sociólogo negro, e ativista, W.E.B. Du Bois, desenvolveu a primeira escola científica de sociologia numa escola histórica para negros, a Universidade de Atlanta.

Trata-se de um pleito monumental argumentar que Du Bois desenvolveu a primeira escola científica de sociologia na América. Afirmando que meu propósito ao escrever *The Scholar Denied* foi de mudar nosso entendimento sobre a fundação há mais de cem anos atrás, de uma das ciências sociais na América. As histórias existentes sobre a origem (BERNARD; BERNARD, 1943; TURNER; TURNER, 1910; MADGE, 1962), da sociologia somente contempla acadêmicos homens e brancos das prestigiosas universidades para brancos, como arquitetos exclusivos da sociologia científica americana. Nesta abordagem, os cientistas sociais negros e as universidades para negros não são nem mesmo identificados como colaboradores marginais para o desenvolvimento da sociologia científica. Mesmo assim, eu vou demonstrar que estas narrativas são inexatas porque elas não levam em consideração, nem sequer mencionam até hoje, o papel fundador da Escola de Atlanta de Du Bois desempenhado na emergência da sociologia científica.

Ainda no livro *The Scholar Denied*, eu argumento que se as ideias inovadoras e as metodologias de Du Bois tivessem sido colocadas no centro das abordagens intelectuais pioneiras da sociologia um século atrás, elas teriam

provido direções teóricas e metodológicas poderosas para esta nova ciência social. Neste sentido, a negação acadêmica de Du Bois empobreceu a sociologia desde o seu início. Assim, *The Scholar Denied* visa mudar nosso entendimento de uma parte da história social americana. Assim sendo, meu objetivo é desafiar paradigmas existentes, questionar as narrativas dominantes e iluminar novas verdades.

Hoje, nós assumimos as ciências sociais como campos de investigação existentes há muito tempo. Mas, no tempo histórico eles são recentes. Eles emergiram nas últimas décadas do século dezenove. O primeiro departamento de sociologia foi fundado na Universidade de Chicago em 1892. Três anos depois, os sociólogos de Chicago fundaram o *American Journal of Sociology*, o primeiro jornal nacional no campo. Em 1905, a primeira associação nacional de sociologia – a *American Sociological Society* – foi organizada. A sociologia americana, portanto, é um produto do fim do século dezenove e das primeiras décadas do século vinte.

Entretanto, quando a sociologia americana do começo é cuidadosamente examinada, fica claro que não é muito científica. A primeira geração dos sociólogos americanos coletou poucos dados empíricos para dar suporte aos seus escritos formais (SMALL, 1916). Quando nós pensamos em sociologia hoje, nós temos em mente estudos onde pesquisas são feitas; entrevistas são conduzidas; trabalho de campo são realizados; e dados qualitativos e quantitativos são utilizados para documentar e interpretar a condição humana. O propósito destas metodologias empíricas é de prover evidências para que os sociólogos sejam capazes de testar suas hipóteses e encontrar conclusões científicas válidas. Assim, os sociólogos contemporâneos não podem simplesmente dizer “meus estudos são válidos porque nós temos doutorado numa instituição de elite ou que minhas opiniões são exatas porque são baseadas nos meus pensamentos profundos”. Na sociologia contemporânea, os acadêmicos têm que testar as teorias com dados empíricos e produzir dados disponíveis para outros acadêmicos poderem alcançar julgamentos

independentes em relação à validade científica dos argumentos que estão sendo postos.

No entanto, esta abordagem baseada no empirismo foi rara no início da sociologia americana. A maior parte da sociologia daquele período foi essencialmente filosofia social ao invés de ciência sociológica porque se confiava na "teoria de poltrona" ou, como Du Bois dizia, à sociologia de "janela de carro", se referindo à uma sociologia baseada em observações casuais feitas enquanto se olha através de uma janela de um carro em movimento (DU BOIS, 1903). "Sociologia de janela de carro" não era ciência rigorosa porque era baseada em intuições, rumores, memórias de viagens e opiniões formadas sem embasamentos.

A sociologia americana no início tinha uma outra qualidade durável: era racista. Quando a sociologia começou a tomar forma na virada do século vinte, o racismo americano estava no seu ápice. O racismo de *Jim Crow* tinha sido substituído pelo racismo mais liberal do período da Reconstrução. A era Jim Crow levou a um sistema de meeiros de terra e trabalhadores agrícolas, peões, como dívida para substituir o trabalho escravo. Linchamentos onde os negros eram enforcados em árvores eram lugar comum, levando a cantora de jazz, Billie Holiday, a cantar tristemente. "As árvores do Sul carregam uma fruta estranha, sangue nas folhas e sangue nas raízes, corpos pretos balançando na brisa sulista, estranha fruta pendurada nas árvores". Seguindo a Reconstrução, os negros eram excluídos de votar, explorados economicamente e tratados como sub-humanos sem direitos, que os brancos eram limitados a respeitar. Como durante a escravidão americana, estas condições pós-Reconstrução levou o ex-escravo a cantar, "Ninguém conhece o problema que eu presenciei".

Este racismo pernicioso apresentava a América com desafios fundamentais: como podia uma autoconsagrada democracia que declara "Dá-me suas massas cansadas, pobres e encolhidas desejosas de respirar livremente", justificar a opressão de milhares do povo negro? Como poderia a América se justificar a si própria e ao mundo, que a opressão racial e a democracia eram congruentes? A América branca direcionou este paradoxo ao transferir a

ideologia da supremacia branca manufaturada durante a escravidão para o regime de Jim Crow. Essa ideologia sustentava que os negros eram uma raça inferior mais similar aos chimpanzés do que aos seres humanos. Insistia que os negros eram sub-humanos infestado com DNA inferior e cultura defeituosa. Os negros eram enquadrados como prisioneiros de inferioridade racial que penava no fundo da sociedade e lá deveria ficar para sempre porque Deus assim planejou.

Enraizado em ideias que se popularizaram durante o iluminismo, a ciência do início do século vinte ganhava o momento de superior modalidade racional. Mas, esta ciência preparou uma questão espinhosa: seria possível que a ciência rigorosa de raça pudesse produzir evidência para descreditar a ideologia da inferioridade negra? Em outras palavras, era a teoria da supremacia branca consistente com os fatos científicos? Porém, este embate entre ideologia e ciência não se materializou.

Acadêmicos brancos por toda academia, das ciências às humanidades, da biologia à literatura, da história à sociologia chegaram a um sólido consenso que argumentava que a ciência realmente provava que os negros eram inferiores. Assim, no início do século vinte, ciência branca e ideologia da supremacia branca andavam de mãos dadas, justificando a opressão racial (MCKEE, 1993). Apesar disso, um desafio certo à esta ciência racista estava para ser lançada.

Na última década do século dezenove, W.E.B. Du Bois se tornou um brilhante, autoconfiante jovem negro, convicto da sua genialidade (LEWIS, 1993). Du Bois também estava convencido que Deus não tinha feito o povo negro inferior. Numa época em que os brancos viam os negros como inferiores, as próprias realizações de Du Bois eram visivelmente inconsistentes com o mito da inferioridade negra. Aos 20 anos, Du Bois conseguiu o bacharelado pela Universidade Fisk; aos 22, o segundo bacharelado na Universidade de Havard; aos 23, o título de mestre da Havard; aos 25, Du Bois completou dois anos do grau de estudos avançados na Universidade de Berlim; e aos 27, Du Bois tornou-se o primeiro afro-americano a conseguir o PhD pela Universidade de Havard. Sua tese de doutorado, "A supressão do tráfico de escravos africanos para os

Estados Unidos da América”, tornou-se o primeiro volume publicado na série de Estudos Históricos de Havard de 1896 (DU BOIS, 1896).

Assim, Du Bois foi uma das pessoas mais educadas no mundo durante o tempo em que os negros eram vistos como inferiores. Realmente, sua inteligência, sua educação avançada e suprema autoconfiança o preparou para se tornar um líder acadêmico que iria lançar um ataque intelectual para derrubar a ideologia da qual Deus fez o povo negro inferior. Aquela ideologia, argumentava Du Bois, tinha que ser superada para que os negros pudessem se livrar da opressão. Du Bois enfrentou um grande desafio intelectual: como ele iria engendrar a superação do racismo científico?

A preparação acadêmica de Du Bois lhe forneceu uma fundação sólida para lançar o ataque. Através dos seus estudos acadêmicos históricos e sociológicos, Du Bois descobriu uma profunda fraqueza intelectual das ciências sociais. Ele sabia que o conhecimento sociológico da época era baseado num racismo tendencioso profundamente enraizado nas almas dos acadêmicos brancos. Du Bois, insistindo numa ciência social crítica escreveu, “Infelizmente é fato que muito do trabalho feito sobre a questão do negro é notoriamente acrítico; acrítica da falta de discriminação na seleção e peso da evidência; acrítica na escolha do ponto de vista adequado a partir de onde estudar estes problemas, e finalmente, acrítica das distintas tendências nas mentes de tantos autores” (DU BOIS, 1898). Du Bois reconheceu que esse academicismo tendencioso não foi desafiado pelos acadêmicos brancos porque era consistente com a supremacia branca apoiada pelas elites brancas. Ele sabia que a ciência de raça existente não era baseada em fatos empíricos, mas em especulação e conjectura. Du Bois também estava consciente que as teorias sociológicas de raça emergiram direto das mentes dos acadêmicos brancos que nunca deixaram seus escritórios ou bibliotecas para conduzir uma pesquisa (DU BOIS, 1904).

Assim, o enorme desafio de Du Bois foi de desenvolver uma nova sociologia científica que desmascarasse as causas reais da opressão racial. Naquela época o desejo de Du Bois de construir uma nova sociologia era ambicioso. Através da história poucos acadêmicos desenvolveram novos

paradigmas científicos. Mesmo assim, este acadêmico negro encurralado pelos limites do racismo intenso, almejou descreditar o discurso racista mascarado de ciência. A missão de Du Bois era clara: seu objetivo era de interferir na ciência dentro da sociologia ao conduzir estudos concretos entre pessoas reais – seu povo – um povo que viveu e morreu atrás do véu do racismo.

Inicialmente Du Bois pensou que os brancos oprimiam os negros porque eles eram vítimas da ignorância e que realmente acreditavam no mito da supremacia branca. Du Bois argumentou que a sociologia científica demonstraria que o preconceito racial e a discriminação causaram o problema, ao invés do DNA negro. Ele declarou: “O mundo estava errado sobre raça, porque a desconhecia. O mal extremo era a estupidez” (DU BOIS, 1940). Du Bois acreditava que uma sociologia científica poderia liberar os brancos do seu pensamento racista e dar poder aos negros porque, “a questão era, ao meu ver, um problema de investigação sistemática e compreensão inteligente. Assim, Du Bois se comprometeu a fazer o mundo pensar corretamente sobre raça ao desenvolver uma ciência social com bases científicas. Dessa forma, ele rompeu com seus parceiros brancos sociológicos, os quais produziam uma sociologia não científica.

Du Bois estava consciente dos erros científicos cometidos pelos cientistas brancos. Primeiro, o pensamento deles não era do conhecimento da história; segundo, eles não faziam uso de dados quantitativos para medir cuidadosamente os fenômenos sociais; terceiro, eles falharam em conhecer intimamente as populações através das próprias situações entre pessoas reais onde eles podiam observar suas vidas cotidianas; terceiro, eles não entrevistaram pessoas para conhecer as realidades delas; quarto, eles não conduziram estudos empíricos das populações que eles analisaram; e quinto, e pior de todos: eles substituíram crenças racistas por verdades sociológicas. Para Du Bois, esta mistura de pseudoconhecimento não merecia o nome “ciência”.

Num forte contraste, a sociologia de Du Bois abraçava o método científico. Com seu doutorado em História pela Havard, Du Bois sempre ancorava sua sociologia na História, argumentando que não podemos entender as pessoas se

não as situarmos em um apropriado contexto histórico. Na Universidade de Berlim, Du Bois aprendeu pesquisa quantitativa e métodos etnográficos ao conduzir pesquisa empírica baseada em trabalho de campo. Depois de completar seu treinamento na Alemanha, Du Bois “voltou à América que odeia negros” para conduzir estudos empíricos sobre afro-americanos que ousadamente confrontaram racismo científico (MORRIS, 2015).

Através da sua abordagem científica, Du Bois desafiou a sociologia de “janela de carro”. Por exemplo, ele criticou veementemente o economista da Universidade de Cornell, Walter Wilcox, informando-o: “a dificuldade fundamental na sua posição é que você está tentando mostrar uma avaliação do problema do negro – somente de dentro de seu gabinete. Isto jamais pode ser feito. Se você precisa continuar escrevendo sobre este problema porque não o estuda. Não da janela do carro...mas venha para cá e realmente estude em primeira mão”. (DU BOIS, 1904). Em contraste, Du Bois sempre residiu nas comunidades que ele estudava e entrevistava e pesquisava milhares de pessoas. Ao explicar sua escola de sociologia, Du Bois declarou “nós estudamos o que os outros discutem”. Como resultado de conduzir numerosos estudos empíricos, Du Bois inventou uma nova sociologia científica dos afro-americanos e desigualdade de raça. Aquela nova sociologia introduziu numerosas inovações.

Teoria Geral

Du Bois teorizou que a modernidade era um produto do tráfico de escravos africanos e séculos de escravidão porque eles deixaram disponíveis uma força de trabalho explorável e *commodities* cruciais – algodão, tabaco, ouro, açúcar – que as burguesias ocidentais utilizavam para desenvolver o capitalismo moderno. Assim, a estratificação de raça era um determinante importante no desenvolvimento do capitalismo como eram estratificações de classe e *status* (MORRIS, 2008).

Du Bois teorizou a linha de cor – que é uma estrutura global de supremacia branca sustentada por forças similares econômicas, políticas e ideológicas em

nível mundial – argumentando que ela produziu estratificação de raça a qual moldaria o mundo social do século vinte. Raças, nesta visão, eram criações sociológicas e não entidades biológicas. A linha de cor que Du Bois previu, era: “O problema do século vinte é o problema da linha de cor – a relação das raças mais escuras para as mais claras dos homens na Ásia e África, na América e nos arquipélagos” (DU BOIS, 1903). Esta teoria mais tarde inspirou elaborações, incluindo a observação de Stuart Hall “a capacidade de viver com a diferença é a questão emergente do século 21” (HALL, 1993). Ademais, como Julian Go (2016a) apontou, Du Bois foi um dos primeiros cientistas sociais a analisar o colonialismo e como era constitutivo na formação dos impérios ocidentais.

Du Bois (1920) deixa claro que a exploração do povo mais escuro nas colônias foi crucial para a “decolagem” do desenvolvimento industrial no ocidente branco:

O dia dos muito ricos está chegando ao fim, até agora só concerne às nações brancas. Mas há um risco que a exploração chegue a uma escala imensa de lucro sem limites, não somente para os muito ricos, mas para a classe média e para os trabalhadores. Isto recai na exploração dos povos mais escuros. É aqui que a mão dourada se aproxima. Aqui não há sindicatos ou votos ou públicos questionadores ou consciências inconvenientes. Estes homens vão ser explorados até o osso, e alvejados e mutilados em expedições “punitivas” quando eles se revoltam. Nestas terras escuras o “desenvolvimento industrial” deve repetir de uma forma exagerada todo horror da história industrial da Europa, da escravidão ao estupro, de doença e mutilação, com somente um teste de sucesso – dividendos!

Na sua análise sobre colônias europeias, Du Bois (1920) ligou raça, violência e capitalismo. Ele argumentou que:

Colônias, nós chamamos os lugares onde os “negros” são baratos e a terra é rica; são aquelas terras estrangeiras onde, como nuvens de gafanhotos famintos, os senhores brancos podem se assentar para serem servidos como reis, usando o poder da chibata do capataz, violentando garotas e esposas, crescer rico como Croesus e mandar para casa um rio de dinheiro. Eles conquistaram a terra, mas o enclave deles está nos trópicos, dos povos escuros: em Hong Kong e Anam, em Borneo e Rodésia, em Serra Leoa e Nigéria, no Panamá e Havana – estes lugares são os El Dourados para onde se expandem os poderes mundiais da ganância.

Como teórico, Du Bois iluminou os processos sociais com uma luz analítica distinta, desenhando o desenvolvimento do capitalismo e ampliando a modernidade.

Como George H. Mead (1934) e Charles Cooley (1902), Du Bois desenvolveu uma teoria do eu. O conceito de Du Bois de “dupla consciência”, teoria que considera o sujeito como um produto social emergindo da interação social e da comunicação. No entanto, a conceituação de Du Bois estava teoricamente avançada porque ele demonstrou que além das influências das interações sociais e da comunicação simbólica, a formação do indivíduo também era modulada pelas relações de raça e poder (ITZIGSOHN & BROW, 2015).

Du Bois teorizou que as interações entre classe, raça e gênero tinham que ser explicadas para a compreensão da desigualdade social (MORRIS, 2007). Assim, esta ênfase teórica antecipou o paradigma da intersecção e da teoria crítica de raça (MORRIS, 2015).

Finalmente, a teoria de Du Bois foi baseada num ponto de vista teórico original o qual privilegiou a análise do ponto de vista do marginalizado e do oprimido (WRIGHT, 2002). Sua análise da desigualdade racial se originou de uma questão fundamental em relação ao povo negro: Qual é a sensação de ser um problema? (DU BOIS, 1903; GO, 2016a).

Inovações específicas em relação ao estudo sobre os afro-americanos

Du Bois foi o primeiro acadêmico a se engajar no estudo científico da crítica social sobre os afro-americanos. Entre suas inovações neste campo estão demonstrações que:

Afro-americanos eram iguais a outras raças porque era a opressão racial, e não traços biológicos, que determinava o lugar social dos pretos na base da hierarquia racial (MORRIS, 2015).

“O crime negro” é uma falácia sociológica, porque as condições sociais, e não as características raciais, produzem crime (DU BOIS, 1899).

A comunidade negra ao invés de ser uma massa homogênea, como argumenta a maioria dos acadêmicos brancos, era na realidade uma comunidade heterogênea, consistindo em classes sociais e experiências diversas (ibid).

A igreja foi a instituição central que serviu como centro organizacional para as atividades sociais e culturais da comunidade negra. Por causa das fontes culturais e políticas estabelecidas nas suas igrejas, as pessoas negras foram capazes de se libertarem através das suas próprias organização e inteligência coletiva. Muito antes do movimento de direito civil moderno, Du Bois previu que um movimento negro, situado na base da massa da igreja negra, se levantaria para ultrapassar a desigualdade racial. Dessa forma, contrariando o senso comum, Du Bois analisou o poder de agência das pessoas negras através do qual elas poderiam mudar o curso de suas histórias (ibid). Dessa maneira, Du Bois se tornou um dos primeiros acadêmicos a desenvolver uma "sociologia da agência do oprimido" elucidando as capacidades dos povos subjugados em produzir transformações sociais.

A necessidade de explorar os mundos subjetivos dos negros argumentando que a opressão racial produzia nos negros uma "dupla consciência", que simultaneamente constrangia e habilitava, portanto crucial aos prospectos da liberação negra (DU BOIS, 1903).

Assim, Du Bois criou uma nova marca científica de sociologia emancipatória e rigorosa. Duas décadas antes de a Escola de Sociologia de Chicago conduzir rotineiramente estudos empíricos, Du Bois e sua Escola de Atlanta produziram numerosos estudos empíricos usando múltiplos métodos onde ele foi o pioneiro da técnica de triangulação de dados (WRIGHT, 2002). Por estes estudos serem conduzidos em populações rurais e urbanas, Du Bois foi o pioneiro em ambas sociologias rural e urbana (MORRIS, 2015). Enquanto a Escola de Chicago é creditada como fundadora da sociologia urbana nos anos de 1920, a obra de Du Bois de 1899 intitulada *Philadelphia Negro* foi uma obra prima da sociologia urbana mergulhada em múltiplas metodologias empíricas (HUNTER, 2013). Além do mais, Du Bois foi certamente um dos primeiros cientistas sociais a desenvolver análises estruturais de desigualdade social enquanto os acadêmicos brancos desenvolviam explicações biológicas e naturais. Sendo assim, Du Bois emergiu dos seus primeiros estudos como o primeiro sociólogo atuante,

pesquisador, entrevistador, observador participativo e pesquisador de campo da América (MORRIS, 2015).

Além disso, os sociólogos brancos ignoravam o trabalho pioneiro de Du Bois. Isto com certeza, já que os sociólogos da Escola de Chicago dos anos 1920, se auto promoveram como fundadores da sociologia empírica e dos estudos de raça. Por causa da marginalização da produção acadêmica de Du Bois, este mito em relação às origens da sociologia científica americana continuou a existir. Por outro lado, o sociólogo alemão, Max Weber, estudou a obra de Du Bois e abraçou sua visão de que o problema do século vinte seria a linha global de cor (MORRIS, 2015). Weber chegou a compartilhar a análise de Du Bois de que a modernidade se espalhou através da opressão global de raça, da mesma forma que distinções de classe e *status* (SCAFF, 2011). Weber, aliás, concluiu que Du Bois era um acadêmico com o qual nenhum outro acadêmico branco podia se comparar.

Du Bois não criou esta nova sociologia científica sozinho. Acadêmicos e estudantes esquecidos e, ademais apagados da história sociológica, foram cruciais no desenvolvimento da Escola de Sociologia de Atlanta de Du Bois (MORRIS, 2015). Os pesquisadores de Du Bois incluíam sociólogos profissionais, alunos graduandos e graduados, ex-alunos da Universidade de Atlanta e outras faculdades e universidades negras históricas, e líderes de comunidades. Ao investir na liberalização de capital e forjando redes de intelectuais insurgentes, eles conduziram trabalho de campo em inúmeras comunidades onde eles tanto coletaram dados sobre apanhadores rurais de algodão como também sobre os entendidos da cidade na zona urbana. Alguns retratos de membros da sua escola ajudam a demonstrar este ponto. Monroe Work que conseguiu um título de mestre em sociologia na Universidade de Chicago em 1903 e se tornou o primeiro afro-americano a publicar no *The American Journal of Sociology*, se tornou um membro prolífico do time de pesquisa de Du Bois. Ele publicou inúmeros e importantes estudos sociológicos. Richard R. Wright Jr., o primeiro afro-americano a conseguir um doutorado em sociologia na Universidade da Pensilvânia em 1911, também participou nos projetos de pesquisa de Du Bois e publicou estudos sociológicos pioneiros. Edmund Haynes, o primeiro afro-

americano a receber um doutorado em sociologia na Universidade de Columbia em 1912, e foi co-fundador da Liga Urbana nacional, se tornou um membro chave do time de Du Bois e publicou numerosos estudos científicos sociais.

A genialidade de Du Bois, por exemplo, incluía a habilidade de colaborar com outros pesquisadores talentosos. Assim, Du Bois reuniu um time de acadêmicos, alunos e líderes comunitários os quais conduziam pesquisa, as apresentava em conferências e escreviam artigos acadêmicos iluminando as dinâmicas da desigualdade racial. Foi este grupo de pesquisadores que constituiu a Escola de Sociologia de Atlanta. E mesmo assim, estes acadêmicos foram apagados da memória coletiva da disciplina (MORRIS, 2015).

Ciência e ativismo

Um mês antes de Martin Luther King Jr. ser assassinado, ele refletiu sobre as enormes contribuições que Du Bois fez para a sociologia e sobre a luta da liberdade negra. Em 1968 King afirmou:

Muito antes de a sociologia ser uma ciência, Du Bois foi o pioneiro no campo do estudo social da vida do negro e completou trabalhos sobre saúde, educação, emprego, condições urbanas e religião. Isso foi num tempo em que a pesquisa científica sobre a vida do negro era tão incredivelmente negligenciada que somente uma universidade, a Universidade de Atlanta, na nação inteira tinha tal programa e tinha verba de cinco mil dólares por ano de trabalho (KING, 1968).

King reconheceu que o movimento dos direitos civis moderno herdou presentes doados por Du Bois. Enquanto muitos acadêmicos continuam enclausurados na torre de marfim com medo que o envolvimento político contamine o trabalho acadêmico, Du Bois não compartilhou esta perspectiva. Para ele, o propósito maior da ciência era de produzir conhecimento válido útil às lutas de liberação. Du Bois, junto com outros ativistas dos seus dias, desenvolveram o esboço que fez o movimento dos direitos civis moderno possível. Du Bois insistia que o povo de cor se engajasse em protestos incessantes para superar a supremacia branca. Como resultado, de acordo com o

que Du Bois pesquisou, estudou e escreveu, ele marchou para o campo de batalha, liderando movimentos importantes por justiça. Martin Luther King era consciente de sua dívida com Du Bois: "A História tinha ensinado, de acordo com Du Bois, que ficar com raiva, não é suficiente para o povo – a tarefa suprema é organizar e unir as pessoas a fim que a raiva delas se torne uma força transformadora" (KING, 1968).

King lamentou não ter tido tempo de se engajar academicamente devido às demandas enfrentadas como líder de um movimento. King admirava a habilidade de excelência de Du Bois em ambas atividades, a acadêmica e o ativismo. Du Bois, de acordo com King, "logo percebeu que nem os estudos seriam acompanhados adequadamente, nem as mudanças realizadas, sem o envolvimento em massa dos negros. O acadêmico então se tornou um organizador..." King fez uma lista de inúmeros movimentos nacionais e internacionais nos quais Du Bois era ou fundador ou participante. King concluiu que Du Bois alarmou "imperialistas em todos os países e preocupou negros moderados na América, os quais receavam sua incansável e militante genialidade negra". Realmente, Du Bois organizou movimentos que levaram diretamente ao movimento de direitos civis. Em relação a Du Bois, King escreveu: "Nunca foi possível saber onde o acadêmico Du Bois terminava e o organizador Du Bois começava. As duas qualidades nele eram uma força singular e unificada" (KING, 1968). Assim, Du Bois proveu um novo modelo para acadêmicos desejosos de compreender e mudar o mundo. Ele demonstrou que era possível ser um acadêmico de primeira linha e um ativista prodígio. Começando com Max Weber, sociólogos por muito tempo discutiram por um academicismo liberado de valor baseados no argumento que uma ciência tendenciosa emergiu quando acadêmicos não conseguiram separar o trabalho científico do político e do ativismo.

Mesmo assim, acadêmicos contemporâneos dedicados ao paradigma da intersecção e da teoria do ponto de apoio têm argumentado persuasivamente que é impossível separar ciência e política porque todo trabalho acadêmico é baseado nas experiências e lugares sociais de produtores de conhecimento (GO,

2016B; COLLINS 2000). Como resultado, há sociólogos clamando por uma sociologia pública útil às lutas de deliberação. Michael Burawoy (2004) tem liderado esta voz por uma sociologia pública argumentando que para a sociologia continuar relevante, deve voltar às suas raízes radicais e prover análises críticas que iluminem o poder e a dominação humana. Certamente, o argumento que a academia politicamente engajada automaticamente perde sua objetividade deve ser rejeitada. Por outro lado, sociologias subalternas buscam ser mais rigorosas que a ciência do *status quo* precisamente porque os padrões são tão altos para uma ciência dedicada à transformação social.

Assim, muito antes de sociólogos clamarem por uma sociologia pública rigorosa, Du Bois se engajou numa sociologia pública que era ao mesmo tempo cientificamente e politicamente engajada. Du Bois, dessa maneira, há cem anos atrás, proveu um exemplo desafiante de como acadêmicos radicais podem atuar como agentes de mudança apesar das vozes de clamor dos puristas argumentando que ciência e protesto não se misturam.

Du Bois e os movimentos sociais contemporâneos

O exemplo de Du Bois é relevante para os movimentos contemporâneos incluindo o *Black Lives Matter*. Os movimentos são geralmente propalados por jovens, especialmente estudantes. Na verdade, os movimentos com mais sucesso utilizam jovens por causa de sua agenda flexível, energia, idealismo e pensamento inovador (MCADAM, 1986). Não é de surpreender que os jovens negros protagonizaram papéis cruciais no movimento pela justiça social nos dias de Du Bois. É instrutivo se questionar como Du Bois respondia aos jovens negros protestadores. Ele os aconselhou a seguir a “política da respeitabilidade” e proteger seus prospectos de mobilidade para cima? Ou Du Bois aconselhou os estudantes a iniciar o protesto, atacando de frente a injustiça?

A resposta de Du Bois aos protestos estudantis nos anos de 1920 à sua universidade de origem, onde fez seus estudos, a Universidade de Fisk, mostra um exemplo da força da sua influência. Na época, o presidente branco da Fisk,

Fayette McKenzie, se engajou numa liderança racialmente tendenciosa. Como resultado, a habilidade de os estudantes e da faculdade em lidar com o racismo avançado da administração da Fisk foi severamente limitada. Os alunos da Fisk foram forçados a seguir os ditames do racismo de Jim Crow. Apesar disso, estes estudantes quebraram a ordem e se rebelaram. Du Bois apoiou os jovens protestadores:

E aqui, uma vez mais, nós estamos sempre realmente ou potencialmente dizendo às crianças ou aos estudantes para se calarem, para deixarem para lá, nós estamos lhes ensinando subterfúgio e concordância, nós estamos lhes direcionando para as portas de fundo, com medo que eles possam se expressarem. Mesmo que, não importa quando e onde fazemos isto, nós estamos errados, absolutamente e eternamente errados. Ao menos que desejemos treinar nossos filhos para serem covardes, para correr como cachorros quando são chutados, choramingar e lambem a mão que lhes esbofeteiam, nós temos que ensinar-lhes auto-realização e auto-expressão (DU BOIS, 1924).

Enquanto outros líderes negros reprovavam os protestos dos estudantes porque senão, o dinheiro branco que fluía dentro da Universidade de Fisk iria secar, Du Bois bravejava: dignidade e expressão própria eram bem mais preciosos do que cestas cheias de dólares brancos.

Quando Du Bois soube dos protestos estudantis adicionais, ele abraçou a política da dispersão:

Novamente e pela segunda vez, sem aviso nem instigação de fora, os estudantes se rebelaram. Eles jogaram lixeiras, eles cantaram, eles gritaram e quebraram janelas. Eu agradeço a Deus ao que eles fizeram. Eu agradeço a Deus que a geração mais jovem de estudantes negros tenha a coragem de gritar e lutar quando são insultados, quando riem deles e quando são oprimidos... Uma rebelião espontânea de jovens almas feridas, que se recusam a se submeter à tirania calculada e sem remorso, é uma coisa esplêndida e emocionante (DU BOIS, 1925).

Du Bois, o homem de Havard, o autor renomado, o organizador de povos africanos, e o líder da Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), se solidarizou com os protestos dos estudantes gritando e quebrando janelas. Além disso, Du Bois encorajou o radicalismo para a mudança porque ele viu os protestadores como, "o verdadeiro radical, o homem que confronta o

poder em alto nível enquanto poder... apoiado pela riqueza ilimitada o atinge e o atinge abertamente entre os olhos: [os estudantes negros] falaram face a face e não de cabeça para baixo 'no grande portal'. Deus acelera a raça" (DU BOIS, 1925). O apoio de Du Bois influenciou diretamente os protestos dos estudantes:

Em 4 fevereiro de 1925, mais de cem estudantes do sexo masculino novamente ignoraram o horário de recolhida e correram pelo campus a cantar, gritar, quebrando janelas, jogando os bancos da capela ao entonar "Du Bois! Du Bois!" e "Antes de ser escravo, eu vou ser enterrado na minha cova". (citado em ROGERS, 2012, p.40).

O resultado do apoio de Du Bois para o protesto dos estudantes foi que o presidente branco da Fisk foi forçado a resignar possibilitando mudanças raciais.

Conclusões

A hora chegou para que as faculdades e universidades introduzam Du Bois nos seus programas (especialmente em sociologia). Dado ao que descobrimos sobre a obra de Du Bois, o fato de não o incluir no programa é praticar racismo acadêmico. Enquanto *The Scholar Denied* documenta como Du Bois e sua escola foram marginalizados e apagados da história da sociologia, as evidências de tal fato são abundantes. Deegan (1988) demonstrou como o pioneirismo das mulheres sociólogas na *Hull House* foi marginalizado pela *mainstream* da sociologia. Seltzer e Haldar (2015) documentaram o fato de que as acadêmicas da *Hull House*, incluindo Jane Adams e Florence Kelley, as quais fizeram contribuições intelectuais importantes para a sociologia moderna, mas foram apagadas da memória coletiva da sociologia por sexismo. Estes fatos documentam a necessidade de que as sociologias críticas e reflexivas sejam para sempre aplicadas, garantindo que todas as contribuições sociológicas sejam consideradas, ao invés de relegadas por aqueles sociólogos da elite da *mainstream*.

À luz do tratamento de Du Bois na academia, há questões que devem ser colocadas.

1. Há vozes importantes em volta do globo que devem ser incorporadas na academia, mas excluídas por causa de discriminação e falta de recursos?
2. Até que ponto são as ciências sociais contemporâneas dirigidas pelo poderoso interesse da elite, levando aos cientistas a não investigar desigualdades globais e realidades que afetam milhares de pessoas?
3. Devem as instituições de elite ajudar a fundar e nutrir o trabalho acadêmico em instituições de periferia da hierarquia de prestígio em volta do globo?
4. O que os acadêmicos podem aprender das escolas insurgentes nas ciências sociais em outras comunidades oprimidas em volta do mundo?

Finalmente, é tempo de desaparecer com o mito que a sociologia científica americana foi pioneira a partir de um grupo de homens brancos sociólogos da Universidade de Chicago. Ao invés disso, a Escola de Sociologia de Atlanta de Du Bois deve ser reconhecida como uma fundadora crucial e tendo contribuído primeiro para a sociologia científica moderna. Como o trabalho acadêmico de Du Bois demonstra, a falsa dicotomia proclamando a ciência social e o ativismo de ser polaridades opostas deve ser rejeitada.

Dessa forma, a sociologia pode ser reestabelecida como um campo rigoroso e também de excelência no academicismo científico o qual libera verdades sociais empoderando a agência daqueles lutando para liberar a humanidade. O legado de Du Bois é de uma ferramenta histórica durável de ideais científicos e ativistas cheio de capacidade plena para guiar a ciência social e esforços para libertar a humanidade.

Referências

BERNARD, L.L. and Bernard, J. **Origins of American Sociology; The Social Science Movement in the United States**. New York: Russell and Russell, 1943.

BURAWOY, M. 'Public Sociologies: Contradictions, Dilemmas, and Possibilities', **Social Forces** 82(4): 2004, p.1-16.

COLLINS, P.H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000.

COOLEY, C.H. **Human Nature and the Social Order**. New York: Scribner's, 1902.

DEEGAN, M.J. **Jane Addams and the Men of the Chicago School, 1892–1918**. Transaction Publishers. New Brunswick, NJ: Transaction Books, Inc, 1988.

DU BOIS, W.E.B. **The Suppression of the African Slave -Trade to the United States of America 1638–1870**. New York: Longmans, Green, 1896.

DU BOIS, W.E.B. 'The Study of the Negro Problems'. **Annals of the American Academy of Political and Social Science** 11: 1898, p.1–23.

_____. **The Philadelphia Negro**. Millwood, NY: Kraus-Thomson, 1973, 1899.

_____. **The Souls of Black Folk**. Edited by Henry Louis Gates. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. 'Letter to Walter Willcox' in **The Correspondence of W.E.B. DuBois. Vol I. Selections, 1877–1934**. Edited by Herbert Aptheker. Amherst: University of Massachusetts Press, 1973: p. 74–75.

_____. 'The Souls of White Folks' in **DARKWATER: Voices from within the Veil**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1920.

_____. 'Diuturni Silent', June 21, 1924. **W.E.B. Du Bois Papers** (MS 312). Special Collections and University Archives, University of Massachusetts Amherst Libraries, 1924.

_____. 'The Fight at Fisk' (ca. April 1925). **W.E.B. Du Bois Papers** (MS 312). **Special Collections and University Archives**, University of Massachusetts Amherst Libraries, 1925.

_____. **1940 Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept**. Edited by Henry Louis Gates. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GO, J. **Postcolonial Thought and Social Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2016a.

_____. 'The Case for Scholarly Reparations: Race, the History of Sociology, and the Marginalized Man – Lessons from Aldon Morris' Book *The Scholar Denied*', Berkeley **Journal of Sociology**. 2016b.

HALL, S. 'Culture, Community, Nation'. **Cultural Studies** 7(3): 1993, p. 349–63.

HUNTER, M.A. 'A Bridge over Troubled Urban Waters: W.E.B. Du Bois's *The Philadelphia Negro* and the Ecological Conundrum', **Du Bois Review** 10(1): 2013, p.1–25.

ITZIGSOHN, J. and Brown, K. 'Sociology and the Theory of Double Consciousness: W.E.B Du Bois' Phenomenology of Racialized Subjectivity', **Du Bois Review** 12(2): 2015, p231-48.

KING, M.L., Jr. 'The Role of the Behavioral Scientist in the Civil Rights Movement', **Journal of Social Issues** 24(1), 1968.

LEWIS, D.L. **W.E.B. Du Bois: Biography of a Race**. New York: Henry Holt and Company, 1993.

MADGE, J. **The Origins of Scientific Sociology**. New York: Free Press of Glencoe, 1962.

MCADAM, D. 'Recruitment to HighRisk Activism: The Case of Freedom Summer', **American Journal of Sociology** 92(1): 1986, p.64-90.

MCKEE, J.B. **Sociology and the Race Problem: The Failure of a Perspective**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1993.

MEAD, George. **Mind, Self and Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MORRIS, A. 'Sociology of Race and W. E. B. DuBois: The Path Not Taken', in C. CALHOUN (ed.) **Sociology in America: A History**. Chicago: University of Chicago Press, 2007, 503-34.

_____. **The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology**. Oakland: University of California Press, 2015.

ROGERS, I.H. **The Black Campus Movement: Black Students and the Racial Reconstruction of Higher Education, 1965- 1972**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

SCAFF, L.A. **Max Weber in America**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

SELTZER, M. and HALDAR, M. 'The Other Chicago School - A Sociological Tradition Expropriated and Erased', *Nordic Social Work Research* 5 (Issue sup. 1: Social Work and Sociology: Historical and Contemporary Perspectives), 2015.

SMALL, A.W. 'Fifty Years of Sociology in the United States (1865-1915)', *American Journal of Sociology* 21(6):1916, p.721-864.

TURNER, S.P; TURNER, J.H. **The Impossible Science: An Institutional Analysis of American Sociology**. Beverly Hills, CA: Sage Publications, 1990.

WRIGHT, E. 'Why Black People Tend to Shout!: An Earnest Attempt to Explain the Sociological Negation of the Atlanta Sociological Laboratory Despite its Possible Unpleasantness', **Sociological Spectrum**, v. 22, n. 3, 2002, p.325-61.

Recebido: 17 out. 2018

Aceito: 23 nov. 2018